

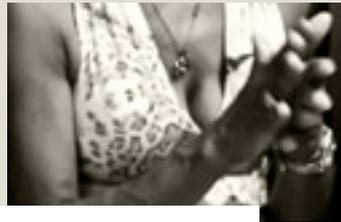
AVON



u

h

e



r

m



— Fundo Fale sem Medo

**Mais de 20 mil beneficiárias,
infinitas oportunidades**

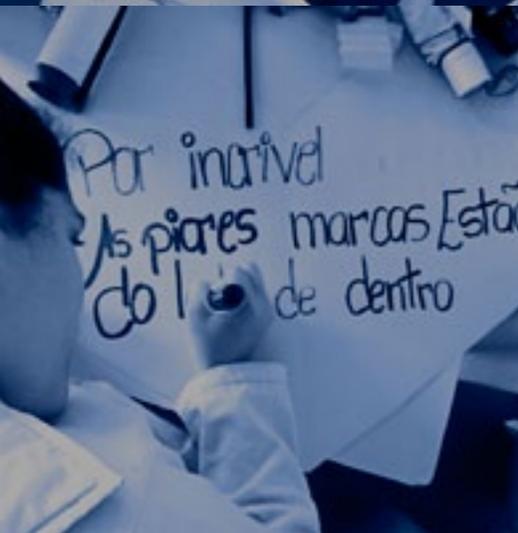
Com irreverência e criatividade, mulheres de Norte a Sul do Brasil se mobilizaram para mudar uma realidade cruel: mais de 13,5 milhões de brasileiras já sofreram algum tipo de agressão. Destas, 31% ainda convivem com o agressor, e 14% delas ainda sofrem algum tipo de violência¹.

São muitas as mulheres dispostas a transformar esse quadro e a questionar a violência contra a mulher, que geralmente é naturalizada nas relações. O Fundo Fale Sem Medo, parceria de sucesso entre o Instituto Avon e o ELAS Fundo de Investimento Social, tem apoiado, capacitado e fortalecido essas mulheres e suas iniciativas no enfrentamento da violência.

São mulheres que se encontram, se apoiam, superam situações de violência e, juntas, conquistam direitos e passam a cuidar de si. Esse é o ciclo que se repetiu nos 77 municípios em que atuaram as 31 organizações apoiadas pelo Fundo Fale Sem Medo através do XIX Concurso de Projetos do Fundo ELAS.

Com o investimento total de R\$ 3,1 milhões, o Fundo Fale Sem Medo apoiou grupos de 13 estados das cinco regiões do país que lutam pelo direito das mulheres a uma vida com segurança, liberdade, paz e saúde.

¹DataSenado, 2013. [Disponível aqui](#)



As mulheres que se aliaram ao Instituto Avon e ao Fundo ELAS nessa luta inovaram e usaram estratégias criativas para estimular outras mulheres a se empoderarem e a se defenderem, envolvendo também homens e meninos no combate à violência. Programas de TV e rádio, festivais de rock, atividades para geração de renda, concursos de redação em escolas públicas, formação em culinária, preservação do maracatu, oficinas de artesanato, espetáculos de dança, teatro e música, futebol, mobilização social: ferramentas diversas em prol da capacitação e da informação, da conscientização e do fortalecimento de cada uma das participantes.

Nestas páginas conheceremos algumas histórias das mulheres beneficiadas pelos projetos. Mulheres jovens e adultas, negras, mulheres de terreiro, agricultoras familiares, lésbicas e quilombolas. Apesar de sua diversidade, muitas tinham em comum a dificuldade de reconhecer os diferentes tipos de violência a que estão sujeitas em seus cotidianos. Várias relatam que, antes de passarem pelos projetos, só sabiam identificar a violência física.

Os resultados vão muito além do previsto, assim como o alcance dos projetos: foram mais de 20 mil beneficiárias diretas. Vários projetos impulsionaram Conferências para as Mulheres em seus municípios, geraram parcerias com órgãos públicos e mobilizações para a criação de Delegacias da Mulher, ampliaram o acesso ao serviço 180, difundiram a Lei Maria da Penha e resultaram no aumento do número de denúncias e na formação de redes de proteção das mulheres entre os diferentes grupos apoiados e organizações locais.

Mergulhe conosco nestas histórias de superação, de parcerias, de encontros e transformações.

— Instituto Avon

Prezadas (os) leitoras (es),

Desde a sua criação, em 2003, o Instituto Avon busca empoderar mulheres investindo para melhorar a saúde e a qualidade de vida das brasileiras. Inicialmente, o foco do trabalho era totalmente voltado ao combate ao câncer de mama e, a partir de 2008, com o lançamento da campanha *Fale Sem Medo - Não à Violência Doméstica*, surgiu mais um forte objetivo: contribuir para a educação e conscientização para a prevenção e o enfrentamento da violência doméstica.

Desde então, foram feitos investimentos em dezenas de projetos que levam informação, capacitam profissionais e promovem reflexão sobre o tema. A parceria com o Fundo ELAS para o lançamento do Fundo Fale Sem Medo foi um marco para a nossa causa.

Após a publicação de um edital, selecionamos e apoiamos 31 projetos, em 5 regiões do país, com os mais variados temas e um mesmo objetivo: enfrentar a violência doméstica. Ao todo, foram destinados R\$ 3,1 milhões a projetos que beneficiaram mulheres de 77 municípios brasileiros.



A importância deste projeto está também em apoiar organizações pequenas que realizam feitos importantes em suas regiões de forma criativa e inovadora, levando o tema da violência doméstica e salvando a vida de mulheres com ferramentas como cultura, mobilização social, esporte, geração de renda, comunicação e saúde.

Estamos muito satisfeitos com o resultado do Fundo Fale Sem Medo.

Esse é só o começo!

Lírio Cipriani

Diretor Executivo Instituto Avon

—ELAS Fundo de Investimento Social

Olá a todas e a todos,

O Fundo ELAS, único fundo voltado exclusivamente para a promoção de direitos de mulheres jovens e adultas no Brasil, entende que as mulheres são as principais agentes de transformação da sociedade. O impacto do Fundo Fale Sem Medo, nossa parceria com o Instituto Avon, reforça essa nossa convicção.

Com os 31 projetos apoiados, investimos em mulheres que transformaram suas vidas, suas famílias e suas comunidades. Foram mais de 20 mil beneficiárias mobilizadas na luta contra a violência, que aprenderam sobre seus direitos e passaram a utilizar a Lei Maria da Penha como instrumento de defesa, como mostram os depoimentos que compõem essa publicação.

Esses resultados fortalecem a missão do Fundo ELAS nos seus 15 anos de atuação. Desde 2000 investimos no protagonismo das mulheres por meio de concursos de projetos e do desenvolvimento de habilidades de suas organizações.



Em todo o Brasil, o ELAS já apoiou mais de 330 grupos de mulheres jovens e adultas que trabalham para promover a independência econômica, o empreendedorismo, o acesso à educação, a prevenção da violência contra mulheres e meninas, a equidade de gênero, o acesso à saúde, a inclusão às novas tecnologias de informação e comunicação, a arte e cultura, a preservação do meio ambiente e da biodiversidade, o respeito à diversidade étnica, racial, sexual, geracional e o acesso das meninas e mulheres aos esportes.

Convidamos você a, através destes depoimentos, partilhar conosco um dos nossos principais valores: paixão pela causa das mulheres.

Amalia E. Fischer P.
Coordenadora Geral

K.K. Verdade
Coordenadora Executiva

— Flores de Dan

Instituto de Mulheres Negras Flores de Dan

#Eeucomisso?
Programa de TV
de Combate a
Violência contra
Mulheres

Salvador, BA

Atuante em Salvador desde 2004, o Flores de Dan realiza ações nas áreas de comunicação e cultura para mulheres, associações e redes feministas da Bahia. O objetivo é capacitar mulheres em técnicas de rádio, web, TV e design para disseminar valores antissextistas e antirracistas.

Janaina Lopes, 27 anos, conhecida como Mia, participou do projeto *#Eeucomisso?*, que produziu um programa de TV sobre violência contra a mulher. Ela conta que a experiência foi muito enriquecedora: “Eu participei de todo o processo de produção dos vídeos, nós gravamos depoimentos de mulheres muito diversas. Foi muito marcante conviver um pouco com elas e conhecer suas histórias. Conhecemos mulheres que passaram por vários tipos de violências — e muitas delas nem sabiam que eram vítimas. A partir do projeto também pude confrontar experiências escutadas com as minhas próprias, e assim rever ideias e posicionamentos”.

Para Mia, a discussão sobre violência contra a mulher precisa chegar a um público maior. “Muitas mulheres têm dificuldade de falar porque têm medo de se expor. Das que falam, muitas não sabem o que é violência. Quando fazíamos as perguntas na entrevista, elas perguntavam: “ué, mas isso é violência?”. Achavam que violência era apenas agressão física, e muitas tomavam um susto, porque não tinham pensado nisso. No projeto, entendemos a violência como algo muito mais amplo. Se a mulher costuma ouvir “você é burra”, como muitas ouvem, estão sofrendo violência também, por exemplo”.

Página »



—Streetfootball

Associação Streetfootballworld Brasil

**Cartão Vermelho
para a Violência
Doméstica**

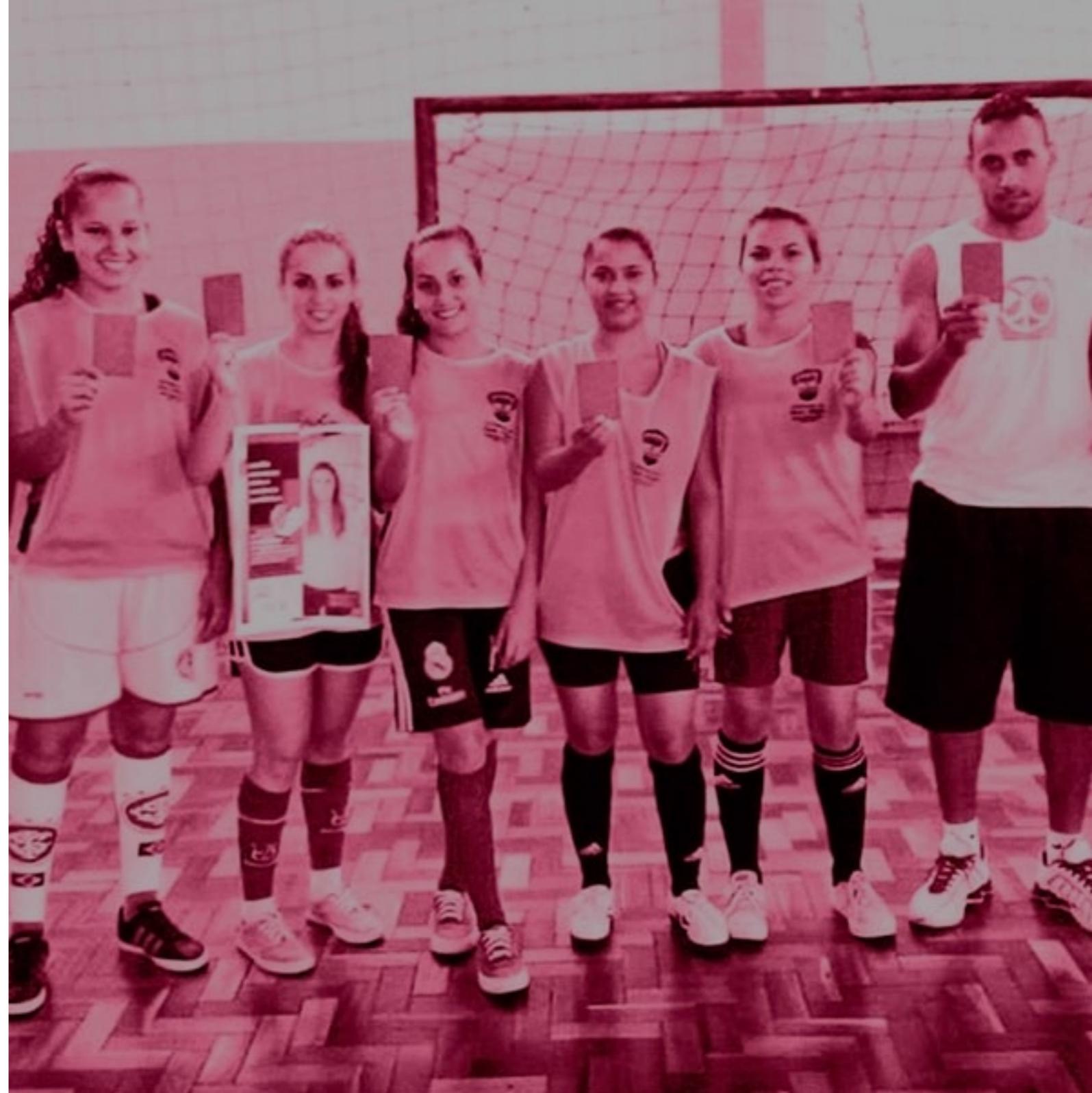
Rio de Janeiro, RJ

Cartão Vermelho para a Violência Doméstica foi uma campanha promovida pela Streetfootballworld Brasil para empoderar organizações que usam o futebol como ferramenta para enfrentar a violência doméstica. A jogadora Marta foi a artilheira da causa, que mobilizou jovens e educadoras(es) de toda a Comunidade de Aprendizagem de Futebol para o Desenvolvimento, a maior rede nacional de organizações que atuam na área.

Fabrini Andrade, da CUFA-Ceará, recebeu o projeto em Fortaleza para a realização de um ciclo de capacitações com adolescentes. Ela comemora o envolvimento das jovens com a campanha: “Coordeno um grupo de futebol feminino de adolescentes em Fortaleza e fomos convidadas para participar da campanha. Utilizamos o futebol como ferramenta para promover o desenvolvimento integral das meninas, que têm de 13 a 19 anos. A participação delas na campanha foi muito bacana porque, mais do que receberem as informações, elas se apropriaram do conteúdo para divulgar, conversaram com mulheres de suas comunidades, entregaram panfletos. No período da campanha elas participaram da Semana Municipal de Combate à Violência Doméstica, onde puderam conhecer pessoalmente a Maria da Penha e diversas ativistas do movimento de mulheres. Já havíamos debatido questões de gênero antes, mas foi a primeira vez que elas se mobilizaram por uma campanha mesmo, onde se viram engajadas e foram protagonistas. As meninas se empoderaram e gostaram muito de participar. Já esperamos os próximos!”

Vídeo »

Facebook »



— Promotoras de São Carlos

Coletivo de Promotoras Legais Populares de São Carlos

Promotoras em Ação!

São Carlos, SP

O objetivo do *Promotoras em Ação!* foi disseminar, através de cursos, palestras e rodas de conversas, conhecimento sobre os direitos das mulheres, em especial no enfrentamento à violência. As atividades também buscaram articular mulheres da sociedade civil e do poder público para participarem do Fórum Municipal de Enfrentamento a Violência contra a Mulher, assim como criar um canal de denúncia para monitorar o atendimento nos serviços de proteção às mulheres.

Lorena Gobbi, universitária de 25 anos, foi uma das mulheres mobilizadas: “Através do projeto, participei da elaboração da campanha *São Carlos Não se Cala* (produzindo conteúdo, material gráfico, frequentando ações para distribuir os materiais) e do Fórum Municipal de Enfrentamento a Violência contra a Mulher. A partir disso, começamos a nos articular para tentar trazer o Conselho Municipal de Políticas para as Mulheres de volta à cidade — tínhamos um, mas agora não temos mais”.

“A experiência afetou não só o meu empoderamento enquanto mulher, mas a visão que tenho de outras mulheres. O projeto me permitiu entrar em contato com mulheres diferentes de mim, mães, trabalhadoras, que vivenciam temáticas que não fazem parte do meu cotidiano. Isso é fundamental para entendermos que é preciso que as mulheres se unam. Apesar das diferenças, temos coisas muito parecidas. Hoje me sinto muito mais forte para ajudar outras mulheres”, diz a estudante.

[Entrevista »](#)

[Facebook »](#)

[Interessante »](#)

[Interessante »](#)



— Levante Mulher

Coletivo Levante Mulher

**As Rosas Falam-
Mulheres em Ação**

São Paulo, SP

O Coletivo Levante Mulher acredita que a arte é um importante instrumento de luta no combate à violência contra as mulheres. Com o projeto *As rosas falam- Mulheres em ação*, o coletivo realizou espetáculos, oficinas, palestras e ações de rua.

A Casa das Crioulas, espaço destinado a atividades culturais e educativas voltado para mulheres, foi um dos anfitriões do projeto. “O Coletivo Levante Mulher é sensacional. Eu tenho um projeto social — a Casa das Crioulas — na periferia de São Paulo e elas vieram aqui em casa. Mesmo sendo um bairro distante, elas se dispuseram a ocupar o espaço e fazer a apresentação para mulheres da região”, conta Manoela Gonçalves. “É fundamental termos oportunidades como essa na periferia, de troca de vivências e discussões sobre a mulher. Além do espetáculo, as oficinas também são ótimas, sempre acontecem com muito diálogo. É possível ver a transformação nas mulheres”, completa.

Para Andressa Araújo, do Grupo Movidas pela Capoeira, o projeto beneficiou tanto jovens quanto adultos: “O Coletivo Levante Mulher tem uma força muito grande para mobilizar jovens, adolescentes que têm uma perspectiva negativa de vida e conseguem mudar essa situação. Como educadora, apoio essa caminhada. É um trabalho de grande relevância política e cultural”.

Facebook »



—ADESC

Associação de Desenvolvimento Comunitário de Santa Maria do Pará

**Mulheres
Quebrando as
Barreiras do
Silêncio Contra
a Violência**

**Santa Maria do
Pará, PA**

A ADESC é uma associação fundada em 1988, no município paraense de Santa Maria do Pará, dedicada à promoção de atividades culturais, esportivas e ambientais, à geração de renda e à capacitação em temas como empreendedorismo e agroecologia. Com uma parceria de mais de 20 anos com o Movimento de Mulheres do Nordeste Paraense, a ADESC também atua no enfrentamento à violência contra a mulher.

Com o projeto *Mulheres Quebrando as Barreiras do Silêncio contra a Violência*, foram debatidos assuntos como direitos humanos e a Lei Maria da Penha com as mulheres da comunidade.

Para a agricultora Maria Lizete Monteiro, 58 anos, o projeto fez toda a diferença: “Fizemos caminhadas, visitas, palestras, e logo vimos o resultado: a violência diminuiu em Santa Maria graças ao projeto. Os homens estão dando mais valor às mulheres, estão trabalhando junto. Na minha casa mesmo as coisas mudaram. Quando as atividades começaram, o meu marido não aceitava que eu participasse. Depois fomos conversando, as mulheres da associação vinham conversar, e ele viu que era uma mobilização que tinha resultados. Depois, ele passou a ser meu maior incentivador, já participou de vários encontros comigo e até deixou de beber. As mulheres daqui falavam a mesma língua: diziam que o marido tinha ciúme, que o marido não deixava... À medida que o projeto foi avançando, ouvimos muitos testemunhos sobre mudanças. Para mim isso foi uma vitória, uma conquista muito grande que fiz através do movimento de mulheres”.



— Patrícia Galvão

Instituto Patrícia Galvão
Mídia e Direitos

Por uma
cobertura
jornalística
contextualizada,
crítica e
aprofundada
sobre violência
contra as
mulheres e a
aplicação da Lei
Maria da Penha

São Paulo, SP

Vídeo »

Vídeo »

O Instituto Patrícia Galvão realizou, com apoio do Fundo Fale Sem Medo, uma pesquisa nacional que resultou no *Dossiê Violência Contra as Mulheres*. A pesquisa mostrou que o tema está em pauta na mídia, mas é divulgado sem a devida contextualização. O dossiê, disponível online (www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie), é um passo para ampliar e aprofundar o debate sobre essa violência nos meios de comunicação tradicionais e nas mídias sociais por meio da compilação, sistematização e disponibilização de dados oficiais e pesquisas de percepção, além de informações relevantes e análises de especialistas sobre a realidade do problema no Brasil.

Djamila Ribeiro, jornalista e pesquisadora, destaca o ineditismo e a relevância do projeto: “O dossiê é muito importante porque fornece informações úteis para jornalistas em geral e para nós, feministas que trabalhamos com blogs e mídias sociais. Agora temos um material confiável para passar para a população. E o mais interessante é que o dossiê contemplou a diversidade de mulheres, é uma pesquisa que não fala das mulheres no geral. É preciso falar das mulheres em suas particularidades, das mulheres negras, lésbicas, trabalhar com a questão das interseccionalidades”.

“Infelizmente, a mídia acaba reforçando estereótipos no que diz respeito à violência contra a mulher. Muitas vezes os jornalistas dizem que não têm informações aprofundadas para abordar a violência contra as mulheres. O dossiê vem para acabar com essa desculpa”, diz Djamila.



—Mulheres Negras do MS

Coletivo de Mulheres Negras do Mato Grosso do Sul “Raimunda Luzia de Brito”

**Vozes Negras
Femininas,
Aqaltunes,
Nzingas,
Dandaras e
Acotirenes
soltam suas
vozes**

**Campo Grande,
MS**

Formado em 1999, o Coletivo de Mulheres Negras do Mato Grosso do Sul luta contra a discriminação racial e de gênero, a violência doméstica e o genocídio da população negra, através de campanhas, passeatas, cursos de capacitação e seminários.

O Fundo Fale Sem Medo apoiou seu projeto *Vozes Negras Femininas, Aqaltunes, Nzingas, Dandaras e Acotirenes soltam suas vozes*, que buscou capacitar, conscientizar e mobilizar as jovens e mulheres negras contra todas as formas de violência. O coletivo promoveu oficinas nas cidades de São Luís (MA), Maceió (AL), Pelotas (RS), Londrina (PR), Florianópolis (SC), Guarapari (ES), Juiz de Fora (MG), Rio de Janeiro (RJ), Salto (SP), Aracaju (SE), Camaçari (BA) e Araraquara (SP).

“Muitas das participantes se tornaram multiplicadoras em suas comunidades e outras formaram grupos de jovens e mulheres negras e estão se reunindo mensalmente, focadas no combate à violência”, conta a coordenadora Ana Lopes.

Marta Cesária de Oliveira, 59 anos, foi uma das mais de 700 beneficiárias: “A vivência das oficinas é muito boa, e ainda melhor é poder ver como a mulher cresce do momento em que sai da violência até se mobilizar em defesa de outras mulheres. Há campanhas que não atingem a população, mas esse projeto contra a violência gerou uma mobilização muito forte de mulheres negras em todo o país. Tem gente que diz que agora as mulheres estão morrendo mais, mas não, agora estamos enxergando mais nossos direitos, denunciando mais”.



— Transformance

Instituto Transformance Cultura e Educação

Roupas ao
Vento: dançando
e cultivando
energias vitais
femininas

Marabá, PA

O Instituto Transformance é uma organização da Comunidade Cabelo Seco, no município paraense de Marabá, que busca sensibilizar a comunidade, através da arte e da cultura, para a importância de lutar pelos direitos das mulheres.

Com o projeto *Roupas ao Vento*, o Transformance mobilizou jovens mulheres e adolescentes como Camylla Alves na concepção e apresentação de um espetáculo de dança. “Produzimos o espetáculo *Raízes e Antenas*, que trata das mulheres, da violência doméstica e da violência contra a criança. Toda vez que nos apresentamos, tocamos muito mais as mulheres, porque estamos falando delas e de sua realidade”, diz Camylla.

“A partir do projeto encontrei minha raiz e também meu papel na comunidade: tive força para me defender e defender as outras mulheres também. Depois disso, passei por uma situação de violência sexual com um ex-namorado meu. A coragem que o projeto me trouxe me permitiu lidar bem com essa situação. É muito importante a mulher buscar proteção assim que se perceber como alvo de violência. Além disso, as aulas de dança fortalecem as meninas: elas ainda não sabem o que podem ser na vida, o quanto podem fazer. Eu sou uma espécie de espelho para elas, mostrando que elas podem ser muitas coisas no futuro. Com a dança elas ganham chances de crescer, e ainda faz bem para o corpo e para a saúde”, conta a jovem.

Página »



— Instituto Búzios

Instituto Búzios-Fundação
Casa Paulo Dias Adorno

**Maria Felipa
Mulheres em
Cachoeira e São
Felix: Agindo,
Escutando e
Revolucionando**

Salvador, BA

O Instituto Búzios tem como missão apoiar e estimular o fortalecimento das organizações e movimentos sociais autônomos, comprometidos com a implementação de políticas e ações para a promoção da igualdade racial, de gênero, a justiça ambiental, a conquista de direitos e a afirmação da cidadania. Realiza atividades de formação de lideranças e ativistas.

Maria Felipa-Mulheres em Cachoeira e São Felix: Agindo, escutando e revolucionando foi o projeto desenvolvido pela organização com apoio do Fundo Fale Sem Medo. Voltado principalmente para mulheres feirantes e pequenas produtoras dos dois municípios, o projeto incluiu rodas de diálogos, intervenções artísticas, além de atendimentos psicanalíticos e terapias em grupo.

Eva Bahia, coordenadora do projeto, conta que a partir da experiência as mulheres passaram a se mobilizar: “As beneficiárias se articularam, formaram uma chapa e elegeram presidenta, tesoureira e fiscais em uma das feiras. Outras se uniram na Cozinha das Pretas, um empreendimento que está dando muito certo. Muitas se integraram à Rede de Mulheres Negras da Bahia e participaram da Pré-Marcha das Mulheres Negras. O projeto foi um estímulo ao exercício pleno de sua cidadania”.

Além disso, passaram a ter outra visão sobre a violência contra a mulher e suas possibilidades de defesa. “As mulheres daqui teimavam em repetir que a Lei Maria da Penha não funciona: no projeto elas aprenderam que funciona sim”, conta Josymeire Andrade, uma das beneficiárias.

[Página »](#)

[Facebook »](#)



— Rádio Mulher

Associação de Mulheres do Complexo do Alemão

**Pela Vida
Pela Paz: Uma
Campanha
Comunitária da
Rádio Mulher**

Rio de Janeiro, RJ

Facebook »

A Rádio Mulher é uma rádio feita por e para mulheres do Complexo do Alemão, comunidade da zona norte do Rio de Janeiro. Com o projeto *Pela Vida Pela Paz: Uma Campanha Comunitária da Rádio Mulher*, a rádio comunitária produziu programas temáticos voltados para a discussão sobre violência doméstica. Além disso, promoveu capacitações com 20 adolescentes locais para atuarem como DJs e produtores culturais engajados no combate à violência contra a mulher.

Marilene dos Santos Carvalho atuou como monitora no projeto e lamenta que tenha chegado ao fim: “Sou moradora do Complexo do Alemão e mobilizei jovens para participar do projeto porque gostei muito do curso que fiz aqui e logo vi que a coisa era séria. Fiquei muito satisfeita quando recebi o convite para ser monitora, aquilo para mim foi um grande prêmio porque esse trabalho é muito importante principalmente para os jovens, que não têm grandes opções na comunidade. Também é uma forma de escapar da violência que reina no local. Todos os jovens têm grande interesse, principalmente as meninas. No projeto, além de se manterem ocupados com algo de que gostam, aprendem sobre a Lei Maria da Penha. Não sabiam nada sobre a Lei e é muito interessante vê-los descobrindo esse instrumento. É uma pena que o curso agora está terminando, pois a violência contra as mulheres é um problema grave e muito presente em nossa comunidade. O curso vai fazer muita falta”.



— Cidadania Feminina

Grupo de Mulheres Cidadania Feminina

**Apitaço:
Mulheres
Enfrentando
a Violência**

Recife, PE

O projeto *Apitaço* foi voltado para o fortalecimento das mulheres no enfrentamento da violência: o Grupo Cidadania Feminina mobilizou ações coletivas usando apitos como instrumentos de luta. O grupo distribuiu apitos entre mulheres como forma de alertar em caso de agressão e também para mobilizar a comunidade. Mulheres de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe participaram de oficinas e rodas de diálogo e se mobilizaram nas ruas de seus bairros.

Para Regina Célia Brasil, 46 anos, moradora do Crato, no Ceará, o projeto foi um divisor de águas para as mulheres da região: “Eu não tinha nenhum conhecimento sobre direitos das mulheres, tudo que adquiri foi no Apitaço. Foram experiências novas para mim e o principal foi experimentar as trocas e o apoio entre mulheres. Se uma mulher estiver sofrendo violência na minha rua, eu vou começar a apitar, as vizinhas também, e agora as mulheres sabem que não estão sozinhas”.

“Aqui no Crato não tínhamos conhecimento sobre violência doméstica, muitas de nós nem nos conhecíamos, apesar de a cidade ser tão pequena. Desde que o projeto nos visitou, continuamos nos falando, estamos inclusive organizando um encontro de mulheres. É muito bom poder dizer “você não está sozinha, denuncie, estamos juntas, vamos correr atrás dos nossos direitos”. Isso muda a vida das mulheres. Como mulher, como mãe, como educadora social, só tenho a agradecer”, diz Regina.

Facebook »



—Cunhã

Cunhã Coletivo Feminista

Mulheres
superando
a violência
doméstica:
comunicação,
arte e cultura

João Pessoa, PB

A Cunhã Coletivo Feminista atua na Paraíba junto a grupos de mulheres em situação de pobreza visando o fortalecimento do movimento de mulheres e feminista brasileiro.

Apoiado pelo Fundo Fale Sem Medo, o coletivo promoveu, através da arte, o debate sobre as mulheres como sujeitos de transformação de suas vidas, capazes de superar o ciclo de violência doméstica e de lutar pela efetivação da Lei Maria da Penha. A Cunhã promoveu encontros com mulheres, lideranças comunitárias da capital e do interior paraibano, misturando debates com ações culturais: dança de coco, teatro, música, grafite e contação de histórias.

Josineide Guedes, 40 anos, marisqueira da Colônia de Pescadores de Acaú, conta que aprendeu muito com o projeto: “A oficina foi ótima, falamos sobre violência contra mulher de várias formas. Nós, marisqueiras de Acaú, montamos até uma peça na hora! Ao mesmo tempo aprendemos como podemos nos defender em situações de violência, como procurar ajuda. E que violência é muito mais do que agressão física: violência verbal, o ato sexual forçado pelo marido, a recusa do parceiro de usar preservativo, isso também é violência, por exemplo. Muitas mulheres se identificaram com as coisas faladas. Geralmente quando falamos de violência as mulheres se fecham, têm medo de denunciar. Mas no projeto elas abriram suas mentes, ganharam coragem. As pessoas precisam de ajuda para fazer um pedido de socorro. Estávamos precisando de algo assim na comunidade”.

[Página »](#)

[Facebook »](#)



—AMUNAM

Associação das Mulheres de Nazaré da Mata

**Mulheres no
Maracatu Rural:
Vencendo
Paradigmas e
Fortalecendo as
Raízes da Cultura
Popular**

**Nazaré da Mata,
PE**

Página »

Facebook »

Primeira organização de mulheres da sociedade civil da Zona da Mata de Pernambuco, a AMUNAM foi fundada em 1988 e criou o Maracatu Rural Feminino de Baque Solto Coração Nazareno, único grupo de maracatu formado exclusivamente por mulheres.

Seu projeto *Mulheres no Maracatu Rural: Vencendo Paradigmas e Fortalecendo as Raízes da Cultura Popular* incluiu a restauração das indumentárias do folgado e oficinas de artesanato e sobre violência doméstica. A ideia foi fomentar ações que possibilitem geração de renda e autonomia para as mulheres e famílias que fazem parte do folgado, além de combater a violência contra as mulheres na região.

Segundo Rosângela Souza, uma das participantes: “Gostei muito de fazer parte deste grupo e de aprender sobre a importância da valorização das manifestações culturais. E as oficinas vão muito além da arte, pois nos levam a refletir sobre nossa vida e o universo feminino”.

“Discutir histórias de violência contra a mulher mexeu muito comigo. Ouvir tudo aquilo me deu uma angústia mas permitiu que eu me colocasse no lugar de cada uma e percebesse o quanto as mulheres são coagidas e como passam anos e anos para se libertar”, conta Miriam Brito, que também participou do projeto.

A iniciativa “foi como uma terapia”, diz Maria Cristiana de Freitas: “Pude sair de casa não por sair, mas com o objetivo de me fortalecer enquanto mulher de direito e com possibilidades de aprender artesanato e ganhar meu dinheiro”.



—CAMTRA

Casa da Mulher Trabalhadora

A CAMTRA reuniu mais de quarenta jovens na construção de uma campanha de combate à violência contra as mulheres liderada pelo Núcleo Jovem da CAMTRA, grupo que tem o objetivo de valorizar o protagonismo juvenil no debate sobre a violência.

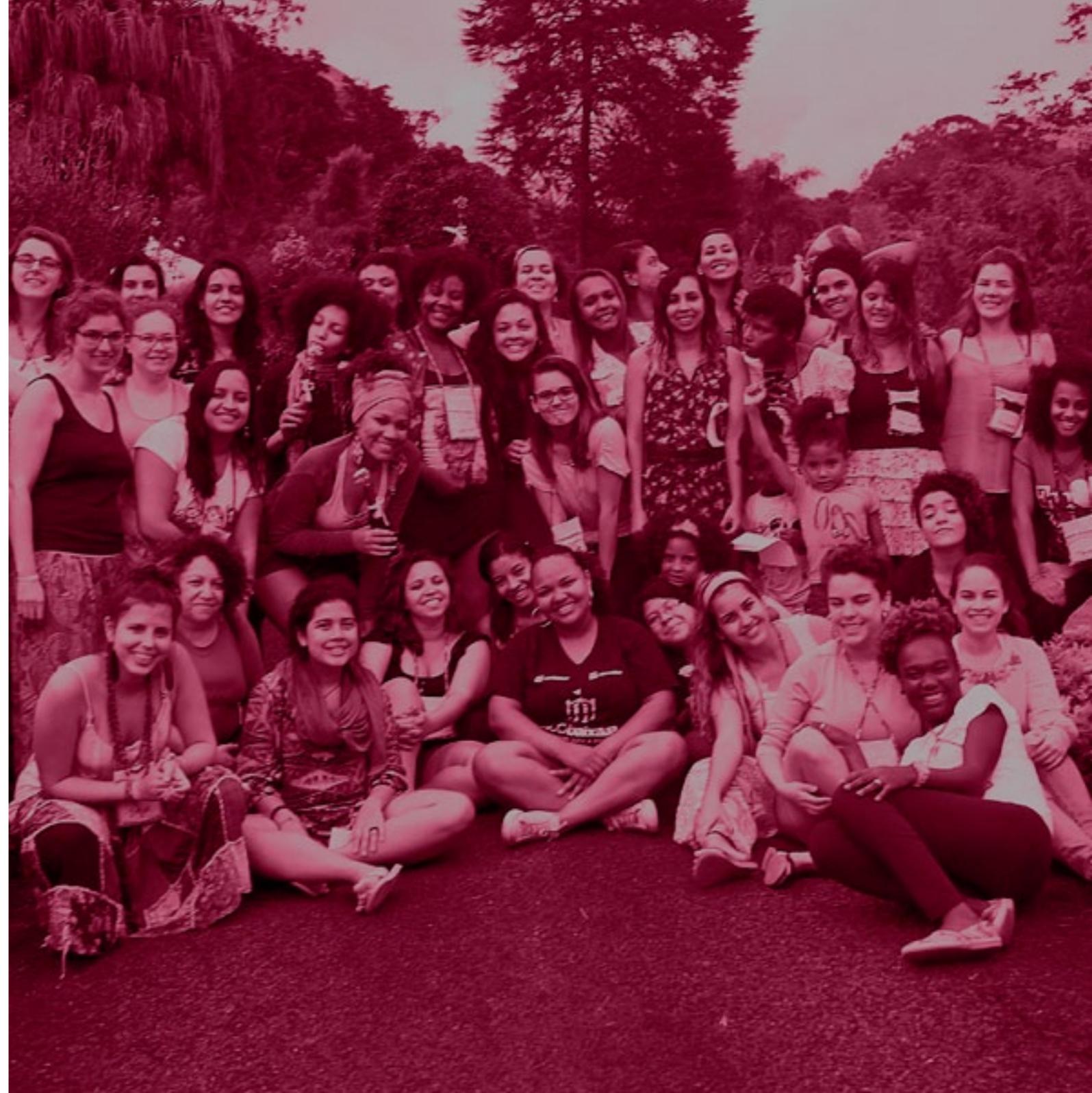
O projeto incluiu um processo de formação com dinâmicas, oficinas e debates, que culminou na produção da campanha *Não me cale nem me culpe: #merespeitaae*, com vídeos, clipe musical e uma peça de teatro.

O objetivo foi contribuir para que as jovens possam identificar as diversas formas de violência existentes, aumentar o conhecimento de seus direitos e conhecer formas de lutar por eles. Os principais focos foram a violência sexual e o assédio, agressões frequentemente ignoradas em nossa cultura.

Ana Carolina Lacerda, 18 anos, foi uma das participantes do projeto: “O curso representou um momento muito importante em que pude ter contato com diferentes mulheres, de diferentes realidades e vivências. Isso tudo me fez abrir a minha mente e entender que o feminismo não é algo limitado, mas algo que cada mulher constrói na sua própria realidade. A partir do projeto, passei a me envolver com as atividades da CAMTRA e também a desenvolver atividades de multiplicação desse conhecimento com jovens estudantes de escolas públicas. E o processo de elaboração da campanha, com a produção dos vídeos, também foi incrível, pois foi a chance de fazer tudo o que pensávamos virar um produto real.”

[Vídeo »](#)

[Facebook »](#)



— Cedenpa

Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará

Jornadas contra violência doméstica no Pará

Belém, PA

Fundado em 1980, o Cedenpa é uma organização paraense que se dedica a combater o racismo e o preconceito no estado. Suas *Jornadas contra a violência doméstica no Pará* levaram oficinas sobre negritude feminina e direitos humanos, econômicos, sociais, culturais e ambientais para os municípios de Abaetetuba, Bragança, Cachoeira do Piriá, Concórdia do Pará, Ourém, Santa Luzia do Pará e São Miguel do Guamá. O projeto envolveu principalmente mulheres negras, quilombolas, representantes de conselhos municipais e lideranças sindicais da região.

Thaís Braga, 27 anos, moradora do Quilombo da América, no município de Bragança, foi uma das beneficiárias: “As atividades foram ótimas porque abriram as minhas ideias sobre os direitos que nós mulheres temos. Vim para a comunidade fugida do meu ex-marido e perdi o direito sobre os meus dois filhos. Meu ex-marido disse que se eu fosse buscar meus filhos ele me mataria. Aprendi sobre a Lei Maria da Penha, sobre como devo recorrer, como devemos apoiar as mulheres que sofrem. Hoje eu não tenho mais medo de denunciar, tanto que o denunciei e agora estou correndo atrás da guarda dos meus filhos”.

“Poder falar sobre nossas experiências faz com que fiquemos aliviadas, nos liberta daquele cativeiro. Espero que o Fundo Fale Sem Medo possa continuar apoiando projetos como esse, para dar forças a cada vez mais mulheres. E que voltem a realizar atividades em Bragança. Nós estamos aqui”, diz Thaís.

[Página »](#)

[Facebook »](#)



— Geledés

Instituto da Mulher Negra

**Expandindo
a Rede de
Combate à
Violência contra
Mulheres no
Brasil**

São Paulo, SP

Com o projeto *Expandindo a rede de combate à violência contra mulheres no Brasil*, o Geledés buscou impulsionar uma rede estadual de promotoras legais populares em São Paulo e no Rio Grande do Sul. As promotoras legais populares (PLPs) são agentes cruciais e estratégicas no combate à violência doméstica: são mulheres líderes capazes de dar orientação sobre questões do cotidiano (violações de direitos, ameaças, violência doméstica, etc.), para outras pessoas que necessitam de reconhecimento e apoio para enfrentar dificuldades. O Geledés realizou cursos de formação de novas promotoras e mapeou as promotoras legais populares atuantes nos dois estados.

Rosa da Penha, 43 anos, foi uma das mulheres capacitadas pelo projeto. “Fiz o curso que o Geledés ofereceu no hospital onde trabalho, e criamos um núcleo de atendimento às vítimas de violência doméstica. O curso me influenciou muito: foram muitas aulas que permitiram que nós nos empoderássemos das leis. Nós descobrimos que não sabíamos muitas coisas, não tínhamos noção dos nossos direitos, da Lei Maria da Penha. Depois disso fiquei bem mais preparada para tomar atitudes e ajudar outras mulheres em situações de risco. No hospital onde trabalho chegam muitas mulheres agredidas. Nós acompanhamos seus casos, mandamos para as casas de apoio, encaminhamos para a delegacia, estimulamos a fazer cursos, estudar. Essa rede é um grande avanço, vai ajudar muito na proteção das mulheres”, acredita Rosa.

Página »



— Balé das Iyabás

Grupo Cultural Balé das Iyabás

**Protagonismo
de Preta**

Rio de Janeiro, RJ

O Balé das Iyabás é um grupo cultural que, desde 2012, assumiu como missão contribuir para o fortalecimento e empoderamento de mulheres negras. O grupo une arte, discussão sobre raça e feminismo, e promove a conscientização através de dinâmicas de interações — as chamadas Vivências do Balé — que envolvem a mitologia das orixás femininas, danças e muitas trocas.

O projeto *Protagonismo de Preta* transformou as Vivências do Balé em um espaço de debates sobre a violência doméstica e de reflexão sobre como as diferentes formas de violência afetam as mulheres negras.

Para a jovem Karina Vieira, 31 anos, as vivências foram transformadoras: “Pude me sentir, tocar, conhecer e começar a perceber o lugar que o meu corpo, esse meu corpo preto, ocupa. Pude ocupar o mesmo espaço com outras mulheres pretas, trocar conhecimento, experimentar um sentido de comunidade, identificação e sensação de pertencimento. É preciso que cada vez mais mulheres conheçam esse projeto incrível. O reconhecimento da própria potência é o primeiro passo para romper situações de violência. É através do empoderamento e da vivência com outras mulheres negras, o que o projeto proporciona, que fica possível que as mulheres que sofrem ou já sofreram algum tipo de violência percebam outras portas e possibilidades para sair ou procurar ajuda e não virar mais uma nas estatísticas. E é empoderando uma mulher negra que abrimos caminho para que todas se empoderem também”.

Vídeo »

Facebook »



—AMQC

Associação das Mulheres Quilombolas de Capoeiras

Mulheres em
Ação: Carinho sim,
Violência não!

Macaíba, RN

A AMQC se dedica a combater a discriminação racial sofrida por mulheres negras e quilombolas e também capacitá-las para o mercado de trabalho, melhorando a qualidade de vida dessas mulheres. Com o projeto apoiado pelo Fundo Fale Sem Medo, a associação buscou chamar a atenção das mulheres da comunidade para a violência contra a mulher e a importância de denunciar agressões sofridas.

Foi a primeira vez que Genilda Costa Santos, 58 anos, trabalhadora doméstica que vive em Macaíba, conversou sobre violência contra a mulher. “Trabalho em casa de família e não tenho tempo, só que a AMQC faz encontros aos sábados, então posso participar. Gostei muito das atividades de que participei. É importante conversar sobre isso, precisamos de mais oportunidades como essa. Todos os dias, na televisão ou na vizinhança, ouvimos histórias que mostram como as mulheres estão sofrendo violência”.

Cirleide da Silva Santos, 32 anos, frequenta as atividades da associação e passou a exigir a garantia de seus direitos: “É muito importante discutir violência — aqui temos muitos casos — e muitas vezes as mulheres não entendem isso. Antes eu tinha medo e vergonha de denunciar a violência. Perante a sociedade, você ter sido vítima do seu marido é uma vergonha. Eu era assim. Mas hoje não me sinto mais envergonhada, me sinto consciente. Com o projeto nós perdemos o medo de procurar ajuda, e vamos seguir lutando contra a violência contra as mulheres negras”.



— ABAM

Associação Nacional das Baianas de Acarajé, Mingau, Receptivo e Similares

Salvaguardando
a Fé, Tradição e
a Autonomia

Salvador, BA

A Associação das Baianas de Acarajé, Mingau, Receptivo e Similares do Estado da Bahia (ABAM) é a entidade que regula a profissão das tradicionais quituteiras baianas. O ofício das baianas de acarajé, patrimônio imaterial brasileiro, é a prática tradicional de produção e venda nos espaços públicos das chamadas comidas de baiana, feitas com azeite de dendê e ligadas ao culto dos orixás.

Com apoio do Fundo Fale Sem Medo, a ABAM realizou atividades de formação e rodas de diálogo com baianas de Salvador, Maragogipe, Saubara, Santo Amaro, Lauro de Freitas, Camaçari, Santo Antônio de Jesus, Cruz das Almas, Itaparica e Vera Cruz.

Claudete Santos, 56 anos, foi uma das beneficiárias do projeto: “Sou baiana de acarajé. Gostei muito de participar porque trocamos ideias e eu aprendi muito. Eu e outras baianas participamos de um ciclo de formação que nos trouxe desde informações úteis para o nosso trabalho, com foco em economia solidária, até discussões sobre violência doméstica. Em relação ao trabalho, as novas informações têm me ajudado muito. Isso é importante para nos fortalecer, inclusive para enfrentar a violência. Uma de nossas amigas falou sobre a sua experiência de agressão, teve coragem. Não temos que ficar caladas sobre essas situações de violência, se não elas vão continuar. Mesmo nunca tendo sido agredida, já presenciei agressões e sei da importância de se defender. Com o projeto aprendi a me defender, e passei a orientar minhas quatro filhas também.”

[Vídeo »](#)

[Página »](#)

[Facebook »](#)



— PROSESC

Projeto Semear Esperança de Carbonita

Tecendo
Solidariedade

Carbonita, MG

O PROSESC é uma ONG criada em 2003 por líderes comunitários do município de Carbonita, localizado no Alto Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Com o projeto *Tecendo Solidariedade*, a ONG formou líderes femininas defensoras dos direitos das mulheres para multiplicar conhecimentos na comunidade e fortalecer o combate à violência doméstica.

Foram realizadas rodas de terapia comunitária com mulheres vítimas de violência doméstica e oficinas socioeducativas com crianças e adolescentes. Um dos frutos do projeto foi a formação de um grupo de mulheres engajadas na defesa dos direitos das mulheres no município de Carbonita.

Paula Silva Rocha, 19 anos, foi uma das beneficiárias que teve a vida transformada pelo apoio: “Eu me mudei para Carbonita para fugir da violência, mas meu ex-companheiro veio até a cidade, me agrediu e levou meu filho com ele. No PROSESC encontrei apoio, encontrei algum lugar para me agarrar. Os encontros têm sido muito bons para mim porque têm conseguido levantar o meu astral, a minha autoestima. Percebi através das rodas de terapia comunitária que não era só eu que tinha problemas e que eu não estava só. À medida que vou participando e conversando vou me animando, antes eu só ficava em casa, e não tinha nem gosto para me arrumar. Agora já tenho conseguido sair um pouco. Hoje eu me sinto mais alegre e esperançosa. Já tenho uma audiência marcada para resolver sobre a guarda do meu filho. E muita esperança na punição do meu ex-companheiro”.

Facebook »



—Roque Pense

**Festival Roque
Pense!**

**Duque de
Caxias, RJ**

O Roque Pense é um coletivo de cultura antissexista que usa música, skate, grafite, cinema e outras linguagens para combater as desigualdades de gênero na Baixada Fluminense. O grupo atua contra a discriminação no universo da música e da cultura urbana, promovendo atividades artísticas e culturais em que as mulheres sejam protagonistas e possam ter a oportunidade de se expressar e desenvolver suas habilidades.

Com apoio do Fundo Fale Sem Medo, o coletivo promoveu o *Festival Roque Pense! 2015*, que teve como tema a violência doméstica na juventude. Através de shows, debates e oficinas artísticas, o coletivo levou para as redes sociais e para as ruas de Duque de Caxias sua campanha *Garotas, Roque e Novas Ideias Por uma Baixada Sem Violência*.

Julianne Rodrigues foi uma das jovens que participou do festival: “Assisti os shows, participei dos debates e da oficina de arte urbana. Foi uma experiência incrível, pois conheci muitas mulheres com as mesmas ideias que eu, fiz amizades e a partir daí fui convidada para expor os cartazes que produzo em outros eventos da região. Seria ótimo se tivéssemos mais encontros assim, a troca é incrível e nós saímos com a alma leve. Além disso, foi uma oportunidade de falar sobre violência doméstica na juventude, um assunto que não é muito falado e é muito importante, especialmente na Baixada Fluminense, uma região com índices alarmantes de violência contra a mulher”.

Vídeo »

Facebook »



— CDVida

Centro de Defesa da Vida

**Viva sem
Violência:
Programa
de Geração
de Renda e
Prevenção
à Violência
Doméstica**

**Duque de
Caxias, RJ**

Facebook »

O Centro de Defesa da Vida-CDVida atua no enfrentamento à violência doméstica desde 1998 em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense (RJ). Com apoio do Fundo Fale Sem Medo, a organização promoveu palestras, cursos e oficinas, estimulando a autonomia feminina. Conversas sobre economia solidária e oficinas de patchwork e de velas artesanais foram algumas das atividades realizadas.

Dezenas de mulheres foram beneficiadas pelo projeto. “Muitas mulheres romperam com o ciclo da violência doméstica, resgataram sua autoestima e voltaram a ser protagonistas de suas vidas”, conta a coordenadora Margareth Lopes.

Para a artesã Silvia Oliveira de Carvalho, o CDVida se tornou um espaço de referência: “Gosto muito de participar das oficinas e seminários por causa de todo o conhecimento que ganho. Tudo que aprendo nas oficinas de artesanato eu continuo fazendo e vendo em feiras. Junto com isso, houve também as palestras sobre violência, que nos permitiram compreender que a violência doméstica acontece de várias formas. Muitas mulheres pensam que não são vítimas de violência, estão acostumadas a sofrer e achar que é normal. Eu nunca tinha pensado nisso, tudo começou no CDVida. Vejo sempre mulheres que, a partir dessa experiência, superam situações de violência e passam a investir na própria autonomia. Tudo que aprendo lá eu levo para um outro grupo de artesãs de que participo, onde convivo com amigas que já passaram por dificuldades financeiras e hoje vivem do próprio trabalho.”



— GAMI

Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes do RN

**Virando o Jogo-
Enfrentando
a violência e
a violação dos
direitos das
meninas através
do esporte**

Natal, RN

Virando o jogo-Enfrentando a violência e violação dos direitos das meninas através do esporte foi o projeto desenvolvido pelo GAMI-Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes do RN com apoio do Fundo ELAS e do Instituto Avon.

Mileide Kellen, 17 anos, foi uma das participantes: “O que mudou depois que entrei no GAMI? Muita coisa. O tempo que eu passava em casa agora eu uso para jogar: treino às segundas, quartas e sextas, temos as competições, participamos de seminários e atividades extras no GAMI até nos fins de semana. Conversamos e aprendemos sobre tudo, tudo mesmo. Um dos assuntos é a violência contra as mulheres, assunto que eu só ouço no GAMI. As outras meninas não falam sobre violência, acham que só há problema se bater. No projeto pudemos aprender sobre violência, sobre como prevenir e como resolver. O que eu aprendo no GAMI eu levo para as meninas da escola, tento conversar com elas. Só tive melhoras na minha vida, só mais sabedoria, não quero que isso fique pra mim, vou passando pra outras meninas”.

Maria Goretti Gomes, responsável pelo projeto, conta que o apoio do Fundo Fale Sem Medo foi fundamental: “O recurso doado está sendo importante para transformar a vida das mulheres da periferia e das jovens da comunidade do Park Floresta, assim como para fortalecer a nossa organização, possibilitando a reestruturação da sede e condições logísticas para realizar as ações”.



— Ilê Omolu Oxum

**Mulheres de
Axé Mobilizadas
contra a
Violência
Doméstica**

**São João de
Meriti, RJ**

Facebook »

O Ilê Omolu Oxum é um espaço de resistência, preservação e valorização da memória afro-brasileira em atividade na Baixada Fluminense desde 1968. Ponto de cultura desde 2009, realiza projetos sociais e culturais, como oficinas de artesanato, dança e pintura afro e culinária típica.

Com o projeto *Mulheres de Axé Mobilizadas contra a Violência Doméstica*, o Ilê Omolu Oxum promoveu rodas de conversas e oficinas de sensibilização e divulgação dos direitos das mulheres voltadas para lideranças e integrantes das comunidades de religiões de matriz africana, para gestores públicos locais e organizações dos movimentos de mulheres.

Zenita Gloria Duarte, 54 anos, moradora de São João de Meriti, foi uma das participantes. “Foi a primeira vez que tive contato com o Ilê Omolu Oxum e foi ótimo. Na região onde vivo tenho muitas vizinhas que sofreram violência: algumas delas eu tive tempo de ajudar, graças ao projeto, outras não. Uma de minhas colegas foi assassinada pelo marido. Eu não sabia que existia violência verbal e também outros tipos de violência. Aprendi isso e outras coisas e agora posso orientar outras mulheres: “vamos para a delegacia, você pode dar queixa”. Fiquei sabendo do curso através de um amigo e aproveitei para levar outras conhecidas. Agora que entendo do assunto posso ajudar mulheres que estão precisando. Até hoje uso materiais que recebi no curso para orientar outras pessoas. Foi muito bom aprender a me defender e poder ser útil para outras mulheres”.



— Instituto A Mulherada

**Tambores Pelo
Fim da Violência
Doméstica - Tocar
Pode, Bater Não!**

Salvador, BA

Facebook »

Criado em 2001, o Instituto A Mulherada luta pela defesa dos direitos das mulheres vítimas de violência e por sua inclusão educacional e profissional. Além de realizar capacitações, o grupo tem uma banda formada por mulheres percussionistas.

Seu projeto *Tambores pelo fim da Violência - Tocar pode, bater não* se dedicou a difundir a Lei Maria da Penha através da música. A banda realizou shows sobre o tema, alcançando um público de mais de 3 mil pessoas.

Patrícia Mesquita, 41 anos, passou a ter mais confiança depois da experiência: “Sou guitarrista e cuido da direção musical do grupo. Fui tocada pelo projeto de várias formas e entrei na luta contra a violência contra as mulheres. Sofri uma situação silenciosa de violência e só depois das palestras e dos ensaios eu me dei conta. Havia um desconforto do meu esposo de que eu tocasse. Aprendi com as próprias músicas do projeto que essa coisa de querer me tirar desse círculo social, de me privar disso, era uma forma de violência. Algo sutil, mas intenso e constante. Só me toquei com ajuda do projeto, e consegui me colocar como dona de mim, e também ajudar amigas. Várias mulheres passam por situações como essa, mas a gente não se toca. Muitos acham que é bobagem, mas essas situações são bolas de neve e atingem diretamente nossa autoestima. Na nossa própria banda, quase todas sofreram algum tipo de violência: no início, muitas mulheres não tinham confiança. Agora temos um grupo fortalecido psicologicamente e emocionalmente”.



—ACESA

Associação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura

Mulheres agricultoras: Combatendo a violência, Construindo cidadania

Bacabal, MA

Facebook »

A ACESA é uma organização de agricultoras e agricultores de Bacabal (MA) fundada em 2006 para organizar a luta por seus direitos e por uma reforma agrária justa e solidária.

Com o projeto *Mulheres agricultoras: Combatendo a violência, construindo cidadania*, a ACESA empoderou as mulheres da região através de palestras sobre as diferentes formas de violência contra a mulher e estratégias de enfrentamento, além de oficinas de agroecologia e feminismo.

Maria do Socorro Batista, 34 anos, mora no Centro dos Cocos, no município maranhense de São Luís Gonzaga do Maranhão, e participou das atividades: “Não tínhamos informação sobre violência contra as mulheres antes do projeto. Ele nos deu mais força e conhecimento para denunciar e combater a violência. Na minha comunidade houve um caso de violência doméstica e a vizinhança não queria denunciar, mas eu denunciei. Acho que, com o aumento das denúncias, aos poucos a violência vai diminuindo. Conversamos com as mulheres porque muitas delas não sabem o que é violência. Nos encontros do projeto vimos que muitas sofriam e não sabiam, achavam que sofrer violência era só apanhar, ser chutada. Aprendemos sobre os diversos tipos de violência: ser xingada, ser discriminada, violência moral, violência sexual. Foi muito bom. Mesmo sem sofrer violência pessoalmente, sofremos junto com outras mulheres que são vítimas. A gente passa a ser mais feliz quando ajuda uma mulher que está precisando”.



—Transas do Corpo

Grupo Transas do Corpo - Ações Educativas em Gênero, Saúde e Sexualidade

Formação Feminista com Foco em Violência Doméstica

Goiânia, GO

O Grupo Transas do Corpo, criado em Goiânia em 1987, desenvolve pesquisas e atividades educativas que visam disseminar e fortalecer a luta das mulheres por cidadania, igualdade e justiça.

O curso *Tramas & Redes: feminismos pelo fim da violência contra as mulheres* forneceu formação feminista com foco em violência doméstica para cem mulheres. As participantes desenvolveram produtos diversos a partir dos conhecimentos adquiridos: artigos, peças teatrais, vídeos, músicas, dentre outros. No fim, uma Mostra de Artes Feministas reuniu as ações artísticas produzidas pelas participantes.

Ludmyla Marques gostou tanto das atividades que pretende continuar as ações com o coletivo que criou no curso: “Foi minha primeira experiência com uma formação feminista e foram três meses de muito aprendizado. E foi muito interessante, nesse debate sobre a violência contra a mulher, a gente entender como as nossas histórias se encontram, de uma maneira ou outra. E como é possível estarmos juntas para criar estratégias de transformação dessa realidade. Meu grupo construiu um fanzine informativo sobre violência contra a mulher, depois também produzimos poemas e nossa amiga Flávia Carolina fez uma música. Nós levamos essa intervenção para a rua e a receptividade foi muito bacana. Todas as vivências foram muito gratificantes para mim e agora sim eu posso dizer que sou uma feminista, e vou continuar buscando informação. E gostamos tanto de fazer as intervenções urbanas que queremos continuar, mesmo com a finalização do curso.”

[Página »](#)

[Vídeo »](#)



—CEMUR

Centro de Mulheres Urbanas e Rurais de Lagoa do Carro e Carpina

**Bolos do
Patrimônio
Imaterial de
Pernambuco**

**Lagoa do
Carro, PE**

Formado em 2005, o CEMUR nasceu do encontro de 20 mulheres da Mata Norte de Pernambuco, na zona canavieira, que se uniram para combater o machismo característico da região. Dedicou-se a estimular o empreendedorismo e a geração de renda entre as mulheres locais, promovendo capacitações e incentivando sua autonomia financeira.

Apoiado pelo Fundo Fale Sem Medo, o grupo desenvolveu o projeto *Bolos do Patrimônio Imaterial de Pernambuco*, que ofereceu oficinas de transmissão de saberes populares nas comunidades quilombolas de Chã de Negros e Trigueiros. Quarenta mulheres participaram da formação em gastronomia que ensinou a fazer bolo de rolo, bolo Souza Leão, bolo pé de moleque e bolo de tapioca, iguarias culinárias que são patrimônio da região. Além disso, o CEMUR promoveu um seminário sobre a Lei Maria da Penha.

Maria José Barbosa, coordenadora do projeto, comemora os resultados: “Mulheres sem ocupação remunerada se transformaram em empreendedoras e passaram a discutir sobre os seus direitos. A repercussão das atividades mostra quanto o projeto contribuiu para o conhecimento e empoderamento das mulheres. Algumas das participantes que passaram pela qualificação estão até fornecendo bolos para a merenda escolar municipal. Qualificadas para se inserir no mercado profissional, elas ficaram com a autoestima elevada e empoderadas para seguir adiante. Além disso, discutimos sobre direitos humanos das mulheres, especialmente sobre as mudanças trazidas pela Lei Maria da Penha”.



—ASSOREM

Associação Renascer Mulher

A Violência Doméstica e a Notificação Compulsória na Mira da Rede de Mulheres

Salvador, BA

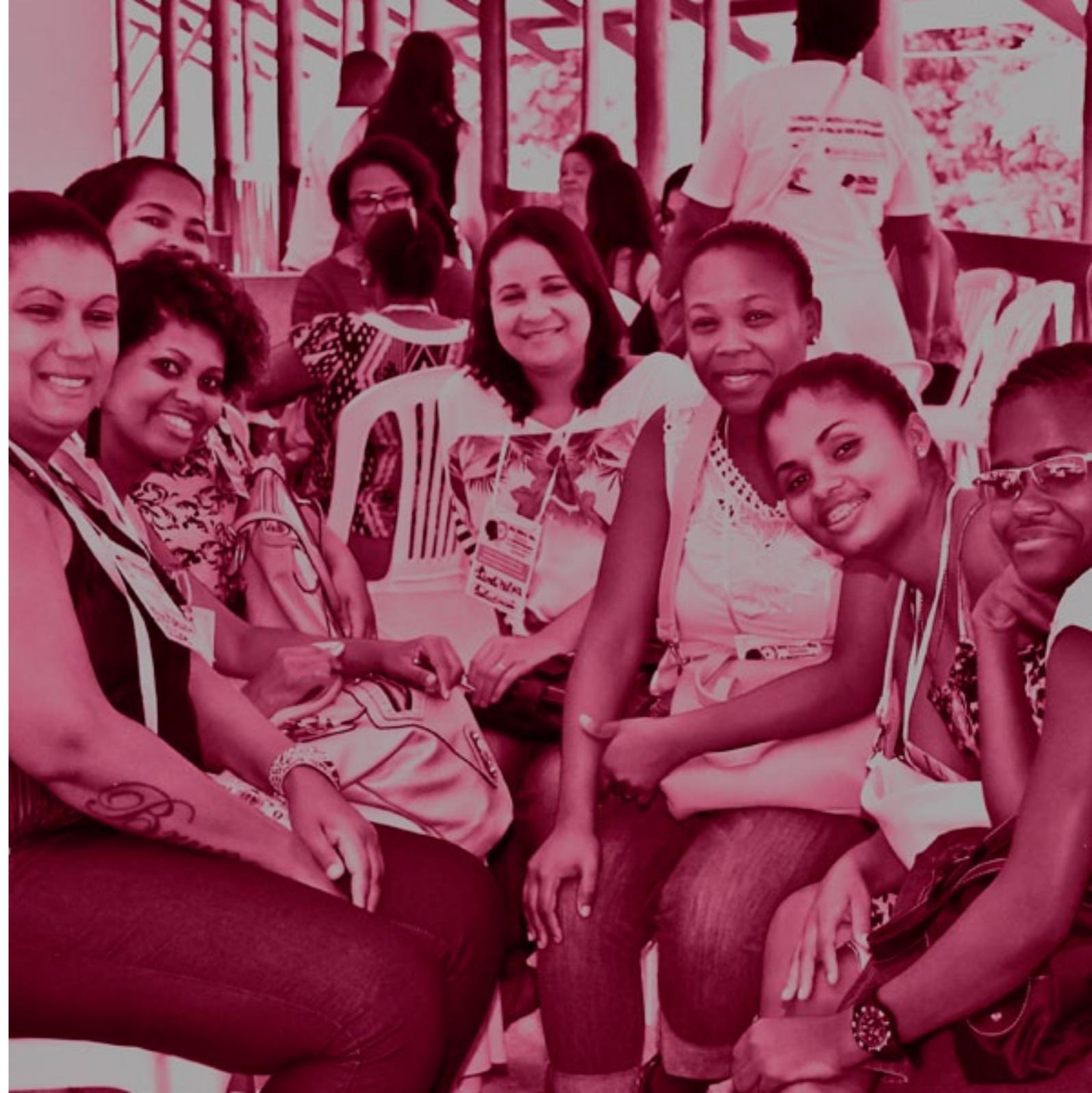
A Associação Renascer Mulher é uma organização de mulheres oriundas do Subúrbio Ferroviário, região periférica de Salvador que reúne 22 bairros. Fundada em 1998, tem como missão promover a autonomia e o desenvolvimento pessoal, social, político e econômico sustentável da mulher negra e de periferia.

Com o projeto *Na Mira da Rede*, a ASSOREM se dedicou a mobilizar e sensibilizar funcionários da saúde, educação, segurança e lideranças de onze comunidades do Subúrbio Ferroviário em relação à importância da notificação compulsória em casos de violência doméstica.

A notificação compulsória é um registro sistemático e organizado feito em formulário próprio, utilizado em casos de conhecimento, suspeita ou comprovação de violência contra a mulher. Não é necessário conhecer o agressor. Essa obrigatoriedade de notificar é amparada pela Lei 10.778/2003 e é um importante instrumento de proteção às mulheres, pois permite que se realize um mapeamento das formas de violência e dos agentes envolvidos e se desenvolva ações voltadas à prevenção e à assistência das vítimas.

“As mulheres sofrem tanta violência que já parece natural — as mulheres apanham tanto que às vezes não sentem mais a dor. O projeto mostrou que precisamos enfrentar esse problema e acabar com a naturalização da violência doméstica”, diz Conceição Silvania, diretora da Associação de Moradores Nova Esperança Ilha Amarela e uma das beneficiárias do projeto.

Página »



—Mulheres de Chapéu de Pena

Associação dos Pequenos Agricultores da Comunidade Chapéu de Pena

Novas Mulheres

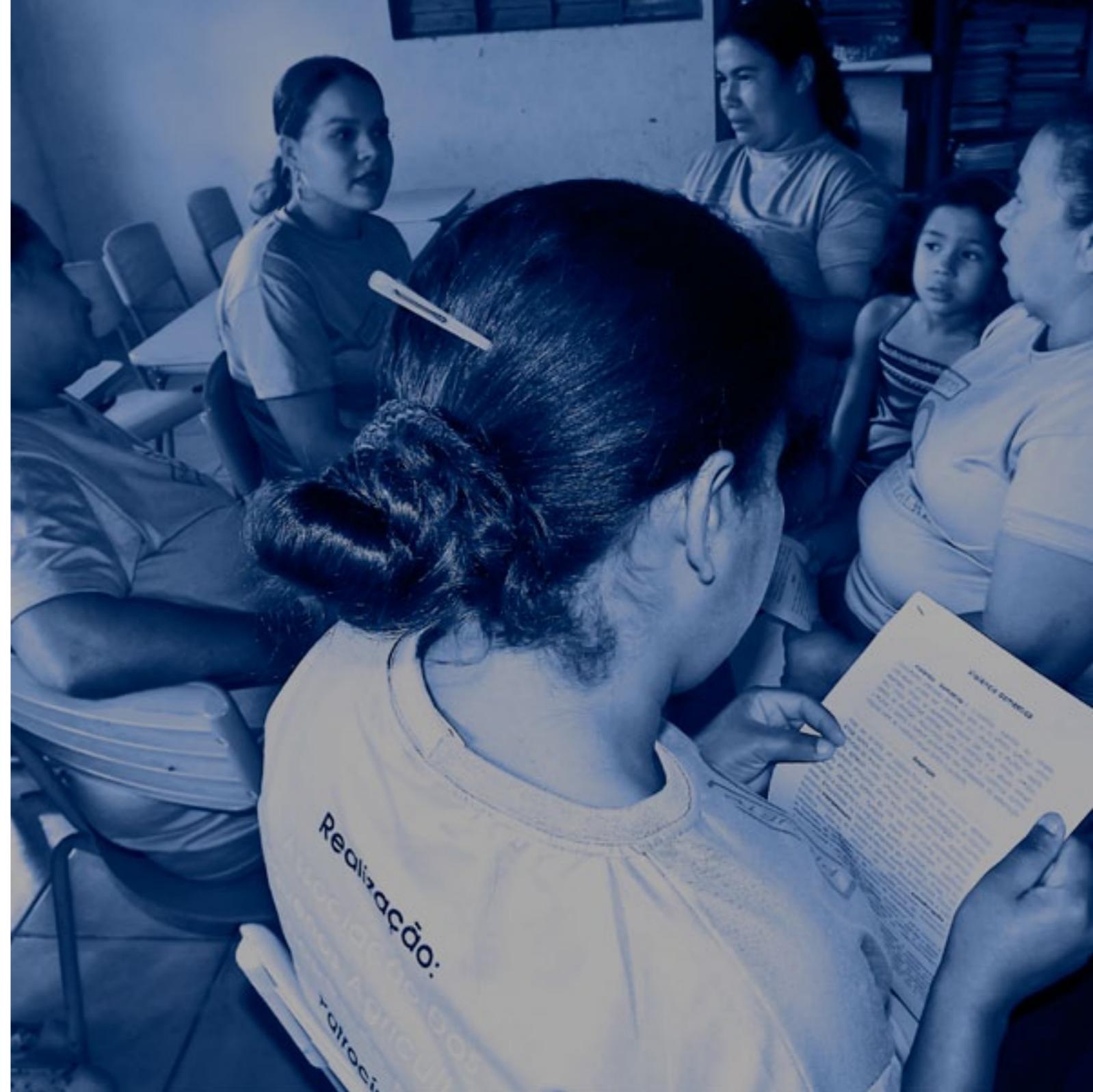
Santana do Mundaú, AL

A Associação dos Pequenos Agricultores da Comunidade Chapéu de Pena foi criada em 2000 e se dedica a questões relativas a terras, produção e comercialização agrícola e conquistas de direitos básicos para os(as) agricultores(as) da região.

As mulheres da associação se uniram pelos seus direitos e, com apoio do Fundo Fale Sem Medo, desenvolveram o projeto *Novas Mulheres*. Seu objetivo foi contribuir para a autonomia das mulheres como forma de enfrentamento à violência doméstica e também para a melhoria da renda familiar e para o consumo de alimentos saudáveis. Para isso, elas realizaram oficinas sobre autonomia econômica e violência e cursos sobre criação de galinhas.

Marciana Lopes foi uma das beneficiadas pelo projeto: “Recebi 40 pintos que ajudaram muito a mim e a minha família, já tenho frangos para vender e consumir e tenho as galinhas que são para a produção dos ovos, que também são para vender e para o consumo da família. Esse projeto com certeza mudou minha vida, tenho mais conhecimentos e também ganhei autonomia financeira, além de alimentos saudáveis para minha família que eu mesma produzo”.

Para a coordenadora Valdinez Cordeiro Alves, “o projeto também ajudou para que as beneficiárias conhecessem mais sobre violência doméstica, o que faz com que elas se tornem mais capazes de não aceitar e denunciar esse tipo de violência em sua família e em sua comunidade”.



— (Em) Companhia de Mulheres

Coletivo de Pesquisa Teatral Feminista

**Boneca de Pano:
Circulando na
Campanha 16
dias de ativismo
pelo fim da
violência contra
as mulheres 2014**

Florianópolis, SC

Página »

Facebook »

Com apoio do Fundo Fale Sem Medo, o coletivo de pesquisa teatral feminista (Em) Companhia de Mulheres encenou o espetáculo *Boneca de Pano* para estudantes de Ensino Médio de escolas públicas de Santa Catarina. As apresentações foram acompanhadas de diálogos sobre a violência contra as mulheres e distribuição de cartilhas informativas sobre a Lei Maria da Penha.

A professora Jaqueline Santos Duarte aprovou a iniciativa: “Coordeno um núcleo de prevenção ao uso de drogas no Instituto Estadual de Educação de Santa Catarina. A participação dos nossos alunos no projeto foi muito importante. Como professora, sei que é fundamental discutir a questão da violência contra a mulher na escola, principalmente usando linguagens mais envolventes como o teatro. Os alunos precisam ir além do ambiente escolar tradicional, ter outras experiências e discutir questões que vivem com suas famílias e em seus cotidianos, como a violência contra a mulher. Precisamos de mais atividades como essa, em que podemos trabalhar com a escuta e afetar os jovens. Foi super pertinente abordar essa temática na forma teatral”.

Rosimeire da Silva, uma das idealizadoras do projeto, ficou surpresa com o envolvimento do público: “A participação dos educandos e educadores nos diálogos foi surpreendente, usando o espaço e o tempo de discussão que foi aberto como assembleia, apresentando seus questionamentos, suas experiências, suas indignações, inquietações e anseios por mudanças de comportamentos”, conta.



— Fundo Fale Sem Medo

conectando mulheres de atitude

Pulseira da Atitude

As mulheres e as histórias encadeadas pelo Fundo Fale Sem Medo não se esgotam aqui: formam uma rede muito maior. Para além dos resultados que conhecemos nestas páginas e das 20 mil beneficiárias de todo o Brasil, o Fundo Fale Sem Medo conecta um milhão e meio de revendedoras e outros tantos milhões de consumidoras na luta pelo fim da violência contra a mulher.

O Instituto Avon cria produtos exclusivos para o enfrentamento da violência doméstica, e o lucro obtido com eles é totalmente direcionado à causa. A Pulseira da Atitude, lançada em 2014, foi um desses produtos. Além disso, em todos os folhetos de ofertas da Avon, alguns produtos selecionados têm 7% do valor de venda revertidos às causas das mulheres. Dessa forma, consumidoras (es) e revendedoras trabalham em rede, promovendo a doação cidadã que permite ao Fundo Fale Sem Medo transformar tantas vidas de Norte a Sul do país.

A revendedora Nilcimar Santos, 44 anos, de Duque de Caxias (RJ), faz parte dessa crescente rede: “Eu apoio e incentivo essa iniciativa porque conheço mulheres que sofreram violência doméstica e eu mesma já fui vítima. Desde 2010 sou revendedora Avon, e me orgulho de contribuir com o combate à violência com esse trabalho. O movimento de mulheres não recebe muita ajuda, daí a importância de uma pulseirinha como essa, que vai ajudar uma mulher. Parece pouco mas a gente sabe que o pouquinho que vem de cada uma pode ajudar mais e mais mulheres”.

Unidas através do Fundo Fale Sem Medo pelo fim da violência doméstica contra as mulheres no Brasil, todas essas mulheres criam um ciclo completo de mudança social, com infinito potencial de multiplicação.

Página »

Interessante »





Realização

Instituto Avon
ELAS Fundo de Investimento Social

Coordenação Geral

ELAS Fundo de Investimento Social

Projeto Gráfico e Diagramação

Dani Moreira

Produção Editorial

Renata Saavedra

Fotografias

Claudia Ferreira
Flávia Viana
Leandro Osório
Lourival Figueiró
Marciel Dantas
Maria Angélica Lemos
Marina Duarte
Raiane Vasconcelos
Savana Brito

Revisão

Silvana Lemos



ELAS Fundo de Investimento Social

Coordenação Geral
Amalia E. Fischer P.

Coordenação Executiva
K.K. Verdade

Gerência de Programas
Savana Brito
Silvana Lemos

Gerência de Empreendedorismo
Eliana Maria Custódio

Gerência de Comunicação
Renata Saavedra

Gerência de Desenvolvimento
Vanessa Lucena

Gerência Financeira
Ana Lídia Hespagnol

Assessoria Administrativa
Rosane Barbosa

Contato

fundosocialelas.org

elas@fundocialelas.org

facebook.com/fundosocialelas

twitter.com/@FundoElas

Instituto Avon

Diretor Executivo
Lírio Cipriani

Presidente do Conselho Deliberativo
Alessandra Ginante

Coordenação de Projetos
Vanessa Stecchini

Comunicação Corporativa
Miriam Scavone e Larissa Alvarez

Contato

institutoavon.org.br

facebook.com/institutoavon

AVON



2014 — 2015